

Maria Hermínia Amado Laurel

Universidade de Aveiro

Universidade do Porto, Instituto de Literatura Comparada*

Perspectivas contemporâneas sobre o espaço, em literatura

Não será decerto necessário recuarmos, com Bertrand Westphal¹ até ao Tratado de Tordesilhas que, em 1494 dividiu o espaço mundial entre as duas potências da altura – Portugal e Espanha –, e legitimou a centralidade europeia face ao resto do mundo, ou até às Conferências de Yalta que, cerca de 450 anos volvidos sobre aquela data, iriam debater o fim da Segunda Guerra Mundial e uma nova repartição bipolar do mundo, entre os blocos ocidental e do Leste europeu, para compreendermos que a relação da literatura com o mundo e com as suas representações se estabelece segundo cânones que o tempo irá interrogar quando não anular. A consequente desagregação dos impérios coloniais europeus em sucessivos momentos de independência e de experiência pós-colonial e, mais recentemente, a queda do muro de Berlim ou o 11 de Setembro, situam-nos numa contemporaneidade que não cessa de fragmentar anteriores relações de força, desterritorializando zonas de influência e de hegemonia, descentralizando referentes culturais ainda de matriz europeia, e desenhando novas cartografias em que pontuam grandes metrópoles mundiais², que a literatura contemporânea antecipou nas

* Este trabalho é financiado por Fundos Nacionais através da FCT-Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projecto «PEST-OE/ELT/UI0500/2013».

¹ Bertrand Westphal, *Pour une approche géocritique des textes, Esquisse*. 30/09/2005. Artigo disponível em: <http://www.vox-poetica.org/sflgc/biblio/gcr.html>, consultado em Novembro de 2012.

² Christina Horvath sublinha o papel de acelerador da viragem do milénio desempenhado pela “urbanização” contemporânea, como efeito da globalização e das políticas económicas que a apoiam. Christina Horvath, *Le roman urbain contemporain en France* (Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, 2007), p. 7.

suas representações³ ou espaços tradicionais que desconstrói⁴. De facto, a metáfora espacial caracteriza hoje em dia de forma particularmente insistente a nossa relação com os textos. As próprias expressões “close reading” e “distant reading” (vivificadas pela polémica suscitada em torno das propostas de uma nova história literária por Franco Moretti⁵) remetem para posturas de leitura que, se por um lado podemos interrogar ou justificar no contexto da globalização contemporânea, implicam antes de mais a proximidade ou o distanciamento – sempre *espacial* – do leitor perante o livro; posturas de leitura consideradas em espaços fechados (o espaço do encontro do leitor com a sua letra, o espaço da sua localização em enquadramentos de natureza periodológica necessários à cronologia da história da literatura) ou, pelo contrário, na dinâmica das deslocações do livro, decorrentes da permeabilidade dos enfoques, transacções e translações da sua reescrita. Por outro lado, a metáfora espacial não cessa de caracterizar a relação dos textos com o mundo. Segundo Jean-Marie Grassin, ela revela-se neste campo uma “métaphore obsédante”⁶, e está na base da formulação de alguns instrumentos operatórios próprios da crítica hodierna, com particular

³ V., por exemplo, no campo literário francês, os espaços labirínticos do *nouveau roman*, em autores como Alain Robbe-Grillet, Michel Butor, Georges Perec ou Nathalie Sarraute; o “espaço”, em particular na sua relação com a categoria “tempo”, torna-se campo de indagação fundamental neste período de contestação das categorias da narrativa (sobretudo romanesca). V. Alain Robbe-Grillet, *Pour un nouveau roman* (Paris: Minuit, 1963).

⁴ Veja-se, como exemplo, a importância do espaço num escritor contemporâneo como Jean Echenoz: espaço urbano em trânsito, neutralizador de referentes espaciais da história, ou de espaços naturais de catástrofe, que a tradição da narrativa de viagens consagrou (que a viagem marítima em *L'Équipée malaise* (1986) desconstrói).

⁵ Franco Moretti, *Graphes, cartes et arbres: modèles abstraits pour une autre histoire de la littérature* (Paris: Les Prairies Ordinaires, 2008). V. Maria de Jesus Cabral, Franc Schuereewegen, Maria Hermínia Laurel, “Introduction à trois voix”, *Postures de lecture et tendances de la recherche comparatiste* (Paris: Garnier-Flammarion), (no prelo), introdução à Jornada promovida pelo grupo de investigação “Lire en Europe aujourd’hui”, Universidade do Porto e Universidade de Coimbra, 22 e 23 de Setembro de 2011.

⁶ Jean-Marie Grassin, “Pour une science des espaces littéraires”, in *La Géocritique, mode d'emploi*, sous la direction de Bertrand Westphal (Limoges : PULIM, 2000), pp. I-XIII.

ênfase para a “geocrítica”, que os trabalhos de Bertrand Westphal⁷ inauguram, ou ainda as tendências ecocríticas, particularmente importantes no contexto da crítica canadiana e norte-americana dos anos 1980-1990⁸. Neste contexto, merecerá particular interesse referir o projecto da *geopoética*, “un ‘champ’ qui s’est dessiné au bout de longues années de nomadisme intellectuel” (e de nomadismo propriamente dito), e que os ensaios publicados por Kenneth White desde os anos 1980, acompanham⁹, projecto ao longo do qual a experiência da viagem se traduz na busca de “une poétique située, ou plutôt se déplaçant, en dehors des systèmes établis de représentation”. Um projecto que o poeta recusa circunscrever em contornos epistemológicos ou tipologias metodológicas pré-definidas: “ni une ‘variété’ culturelle de plus, ni une école littéraire, ni une poésie considérée comme un art intime” ; para o autor do livro que anuncia, em 1994, como “Introduction à la géopoétique” – *Le plateau de l’Albatros* –, a geopoética traduz um projecto poético fundado sobre a “recherche d’un langage capable d’exprimer [une] autre manière d’être au monde [...], un rapport à la terre”, excluindo qualquer forma de “assujettissement à la Nature” ou de “enracinement dans un terroir”¹⁰, antecipando claramente posturas de natureza ecológica; a geopoética enuncia-se em Kenneth White como uma “densification de la géographie”¹¹. Revela-se assim muito interessante neste autor a associação entre nomadismo e cartografia,

⁷ V., entre outros títulos deste autor, para além do já citado na nota 1 : *La Géocritique, mode d’emploi* (Limoges: PULIM, 2000); *La Géocritique : réel, fiction, espace*: (Paris: Editions de Minuit, 2007).

⁸ Cite-se, em Portugal, a realização da Jornada *Ecocrítica*, organizada pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em Novembro de 2008, ou ainda a constituição de grupos de investigação internacionais interessados pela matéria, como o demonstra o congresso comemorativo dos vinte e cinco anos da criação da Associação Portuguesa de Literatura Comparada, “Pensar o comparatismo: percursos, impasses e perspectivas”, realizado na Universidade de Aveiro em 2012, através de um interesse redobrado pela problemática da paisagem, entre outros.

⁹ V., entre outros, Kenneth White, *L’esprit nomade* (Paris: Grasset, 1987).

¹⁰ Citações extraídas de Kenneth White, *Le Plateau de l’albatros: Introduction à la géopoétique* (Paris: Editions Grasset & Fasquelle, 1994), pp. 11-12.

¹¹ Kenneth White, *L’esprit nomade* (Paris: Grasset, 1987), p. 11.

como busca de “(nouvelles) co-ordonnées, de (nouvelles) corrélations”¹², isto é, de uma nova metodologia de enfoque dos textos, que inventa a sua própria geografia, isto é, a escrita do seu próprio caminho. Um caminho que é ditado não por um pensamento pré-estabelecido, por uma “consciência de si” previamente formada, mas pela própria aspereza do caminho, pela sua rugosidade significativa, e que se traduz na articulação de um “espace-temps aux focalisations multiples qui est comme une ébauche de monde”¹³. O intelectual nómada é assim, para Kenneth White, não o intelectual *universal* (na esteira do pensamento dos *philosophes* do século XVIII francês), nem o intelectual social (ao qual Jean-Paul Sartre emprestaria a sua figura), mas um intelectual cuja visão *do* mundo e cujo posicionamento *no* mundo nos autorizaria a traduzi-lo pela figura do *intelectual-mundo*; figura que, em Kenneth White, se define como uma figura poética: o objectivo deste intelectual não é dominar um universo do conhecimento dado; não visa a “eficácia” de uma intervenção “sociopolítica” do momento; a sua indagação terá sido conseguida se dela tiver resultado algo ao qual se possa chamar um “poème du monde”, porquanto, para White, “dans le champ de forces éparses dont il est question ici, le seul rassemblement possible est d’ordre poétique”. E White prolonga a metáfora espacial até à própria composição do seu livro: mais do que “composition savante”, ele deseja-o como um “espace de pensée fluide”, na medida em que “chez le nomade intellectuel, érudition et errance se mêlent”¹⁴. Desta concepção do espaço literário como poema do mundo, “une espèce de musique”, encontramos uma correspondência muito próxima no ideário e nas práticas estéticas de Nicolas Bouvier, outro *intelectual-mundo* que com White partilhou o nomadismo como experiência do conhecimento¹⁵. Leiamos este autor ou melhor, ouçamo-lo, enquanto espera a partida da Índia para

¹² Kenneth White, *L’esprit nomade* (Paris: Grasset, 1987), p. 10.

¹³ *Idem*, p. 12.

¹⁴ *Idem*, p. 12.

¹⁵ A revista *Europe* publicou um número duplo sobre os dois escritores em 2010. V. Nicolas Bouvier/Kenneth White (*Europe*, pp. 974-975, 2010).

a ilha de Ceilão, em *Le poisson-scorpion* (1982), no qual evoca a última etapa da viagem que aí o conduziu em 1955:

Le temps était suspendu. Dans ce gracieux agencement d'échos, de reflets, d'ombres colorées et dansantes il y avait une perfection souveraine et fugace et une musique que je reconnaissais. La lyre d'Orphée ou la flûte de Krishna. Celle qui résonne lorsque le monde apparaît dans sa transparence et sa simplicité originelle. Qui l'entend, même une fois, n'en guérira jamais.¹⁶

À imagem do nosso mundo, podemos considerar que também o universo teórico-crítico experimenta movimentos de *rotação* e de *translação*¹⁷ que estimulam novas abordagens espaciais da literatura, configuradoras de um *planétario* em que, à semelhança do universo dos *tropismos* de Nathalie Sarraute, leituras de *proximidade* (para retomar a expressão citada de “close reading”) e *distanciadas* (qual a de “distant reading”) se postulam numa relação de necessidade.

Particularmente dinamizado pelo fenómeno da mundialização/globalização¹⁸, o estudo do espaço literário afigura-se como incontornável nos estudos literários comparatistas contemporâneos. De facto, o espaço literário não pode hoje em dia ser assimilado ao espaço referencial, confinar-se ao espaço textual, nem ser concebido como condição de um espaço social exclusivo; tão pouco pode ser reduzido ao espaço da criação literária¹⁹. Opções teórico-críticas como a “poétique de l'espace” (Gaston Bachelard), a imagologia (com Álvaro Manuel Machado ou Daniel-Henri Pageaux, atenta à relação observador/observado, particularmente interessada no olhar do estrangeiro), a crítica temática (com Jean-Pierre Richard), a mitocrítica (recorem-se os trabalhos pioneiros de Gilbert Durand), a teoria do “campo” de Bourdieu ou a filosofia poética do espaço criativo de Maurice Blanchot,

¹⁶ Nicolas Bouvier, *Le poisson-scorpion* (Paris: Gallimard, 1996), p. 14.

¹⁷ Socorremo-nos ainda de metáforas espaciais, sugeridas pelos movimentos cósmicos do nosso planeta.

¹⁸ Referentes de origem francesa ou anglo-saxónica, respectivamente, para a designação deste fenómeno.

¹⁹ Conforme o demonstra o livro publicado por Xavier Garnier e Pierre Zoberman, *Qu'est-ce que l'espace littéraire?* (Presses Universitaires de Vincennes, 2000).

foram desenhando ao longo do século XX, em particular a partir dos anos cinquenta, os percursos de estudo sobre o espaço na literatura.

Não confundindo o estudo das representações do espaço na literatura com o estudo do espaço literário, a proposta que Bertrand Westphal designa como *geocrítica* tem como objectivo estimular o diálogo entre geógrafos e estudiosos da literatura²⁰, convidando-os a “penser les rapports de la littérature aux espaces humains”²¹. Ora, em 1993, Michel Chevalier havia já publicado *La littérature dans tous ses espaces*²², obra em que o olhar do geógrafo e o do estudioso da literatura se cruzam sobre o espaço literário, interrogando-se o autor com Paul Claval²³, especialista em geografia cultural, sobre o conhecimento que a literatura poderia aduzir ao conhecimento do espaço territorial, enquanto espaço simbólico (sendo claro para os geógrafos que a literatura se prestava a outro tipo de leituras para além das leituras documentais dos lugares). Cientes embora de que o espaço do geógrafo não é o mesmo espaço do estudioso da literatura, do mesmo modo que o espaço do estudioso da literatura não é o espaço do geógrafo, estamos no entanto em crer que o prosseguimento deste diálogo se revela da maior importância na actualidade. Carlos Reis havia-o pressentido, no livro que publica em 1ª edição em 1987, ao considerar que “a representação do espaço na narrativa não se exerce [...] nos termos de mimetismo icónico”, e ao sistematizar os três níveis de análise que se exercem sobre o seu estudo: o nível “topográfico”, o nível “cronotópico” e o nível “textual”²⁴. A importância da perspectiva espacial na abordagem da narrativa é enfatizada por Carlos Reis através do relevo que concede, já na altura, à noção bakhtiniana de cronótopo. Afirmava então:

²⁰ Esta distinção reporta-se aos referentes franceses “scientifiques” e “littéraires”, respectivamente.

²¹ V. Bertrand Westphal, *La Géocritique : réel, fiction, espace* (Paris: Editions de Minuit, 2007), p. 19.

²² Michel Chevalier, *La littérature dans tous ses espaces* (Paris: Editions de Minuit, 2007).

²³ Que aí publica, nomeadamente, “La géographie et les chronotopes”, Michel Chevalier, *La littérature dans tous ses espaces* (Paris: Editions de Minuit, 2007), pp. 103-121.

²⁴ Carlos Reis, *Dicionário de Narratologia* (Coimbra: Almedina, 1996), p. 137.

falar de cronótopo a propósito da narrativa (e de um modo geral a propósito de toda a literatura), é referir as dominantes espaço-temporais, as imposições de proveniência histórico-cultural e geo-cultural que se projectam sobre o texto narrativo, mediatizadas pelos seus específicos códigos técnico-literários.²⁵

Donde a importância da inscrição dos fenómenos humanos no espaço. O diálogo poesia-geografia-paisagem surge, assim, como proposta para ultrapassar o estudo do espaço numa óptica restrita de “close reading”. É a tese de Michel Collot, no livro que publicou em 1987, *Espace et poésie*²⁶, no qual considerava já que se, por um lado, “la question de l’espace [semblait] au cœur des préoccupations de la poésie contemporaine”, por outro, para “la philosophie et les sciences humaines”, “l’espace [était] devenu un thème privilégié d’interrogation”. Para o autor, competia a estas duas disciplinas “interpréter les phénomènes humains à travers leur inscription dans l’espace”; sendo que o espaço, em seu entender, “est porteur de signification, et donc lié, par une relation problématique mais indéniable, au langage lui-même”. Este livro abre assim a análise a um outro campo no estudo do espaço, “l’analyse des oeuvres ne [s’étant] jamais enfermée dans la clôture du texte, mais [s’étant] montrée constamment soucieuse de rendre compte de son ouverture à l’espace de son dehors”, anunciando já a tendência para o “desvio” das metalinguagens de inspiração formalista em benefício de um “retour aux choses”: um justo “regresso às coisas” pelo recurso aos “instrumentos” das ciências da linguagem. Concluimos portanto que o estudo do espaço na literatura caminha no sentido do repensar das relações entre a literatura e o real, entre a literatura e a linguagem, ao qual a revisitação da dimensão histórica e social da noção de cronótopo pode conduzir.

A reflexão actual sobre o que se pode entender como o espaço em literatura não pode negligenciar, por outro lado, a importância do que constitui, para esse estudo, o espaço *para*-literário ou mesmo o espaço *extra*-literário. Bastaria referirmos os estudos sobre o livro e

²⁵ *Idem*, p. 90.

²⁶ Michel Collot et Jean-Claude Mathieu (dir.), *Espace et poésie* (Paris: Éditions Rue d’Ulm, 1987), livro decorrente do colóquio sobre o tema organizado em 1984 na Ecole Normale Supérieure.

a edição, as suas metamorfoses, ou os vários suportes de escrita e de reescrita disponíveis (destacando-se o digital), os estudos de tradução (muito particularmente os estudos sobre a circulação de traduções) a própria inclusão de outras áreas de estudos cada vez mais chamadas a dialogar com a literatura, numa interdisciplinaridade frutuosa²⁷ – os “film studies”, por exemplo ou, genericamente, os estudos interartes ou os estudos de intermedialidades –, para reconhecermos que cada vez se torna menos possível (quando não, menos defensável, de um ponto de vista epistemológico e até ontológico, num mundo globalizado) estudar a literatura em função de uma dada identidade linguístico-cultural nacional, considerada como referente *a quo* ou *ad quem* de *per si*.

O enquadramento que desenhei coloca questões fundamentais para o estudo do espaço na literatura. A valorização da complementaridade entre geografia e literatura subjaz, curiosamente, ainda que por vezes de forma implícita, a algumas das mais actuais reflexões em torno do tema. De facto, se lermos Damrosch, Moretti, mesmo Yves Citton ou Camille de Toledo, constatamos que os novos espaços literários que estes autores identificam nas suas propostas teórico-metodológicos e na sua terminologia decorrem de projecções espaciais dos referentes evocados: trata-se de desterritorializar, de ultrapassar fronteiras terrestres (e evidentemente simbólicas ou ideológicas também, europeias), de ver (logo, de articular no espaço, de estabelecer novos planos de relação), de alargar o “campo” (já uma noção espacial em Bourdieu) da literatura a outros espaços ou áreas do conhecimento que lhe podem fornecer novos instrumentos de análise. Alguma abertura interdisciplinar havia sido já o desígnio das chamadas “ciências humanas” na década de 1980, e o mesmo fizera a história cultural, quando apontou para a necessidade de planificar o estudo da literatura em perspectiva com outras realizações ou formas de criatividade que identificavam um dado momento histórico; tratava-se já de alargar o horizonte visual de abordagem da literatura. A importância do olhar do *geógrafo da literatura*, chamemos-lhe assim, está ainda patente em projectos que hoje em dia se multiplicam, tais como cartografias literárias,

²⁷ Interdisciplinaridade decorrente sobretudo do desmembramento dos estudos literários em vários campos de “studies”, que se veio a verificar nos Estados Unidos a partir da década de 1970.

e seus equivalentes: enciclopédias, antologias, atlas, colecções volumosas de romances, planificações abrangentes da produção literária.

Vejamos agora em que medida a noção de “world literature”²⁸ traz novas perspectivas para o estudo do espaço literário. Esta é sem dúvida herdeira do longo debate em torno do conceito fundador de *Weltliteratur*, formulado por Goethe, numa perspectiva cosmopolita²⁹, tendo com ponto de partida as literaturas nacionais e o desejo (e desejo) de um espaço comum, já transnacional, de circulação de ideias partilhadas por comunidades intelectuais. Debate que não poderemos separar da procura de um cânone cujo epicentro europeu (e ainda aqui, privilegiando uma delimitação centro-europeia não abrangente de toda a projecção histórica, cultural e geográfica da Europa) estremeceu a partir da emergência das literaturas pós-coloniais³⁰; debate que não se estranhará portanto provir de contextos teóricos não exclusivamente

²⁸ Referimo-nos sobretudo aos trabalhos de David Damrosch, que revigoraram e actualizaram a expressão, no contexto da reflexão contemporânea sobre a própria literatura comparada, como forma de conhecimento, e não só como método de abordagem da literatura. V. A obra mais citada neste contexto, David Damrosch, *What is world literature?* (Princeton University Press, 2003).

²⁹ O cosmopolitismo foi a característica marcante do intercâmbio intelectual herdado do século XVIII, ilustrado por alguns dos círculos europeus mais importantes, dentre os quais se destacou o chamado “Groupe de Coppet”, verdadeira rede de intelectuais que, no seu trânsito europeu se cruzavam em Coppet, sob a égide de Madame de Staël, durante as duas primeiras décadas do século XIX. V. Etienne Hofmann e François Rosset, *Le Groupe de Coppet : une constellation d'intellectuels européens* (Presses polytechniques et universitaires romandes, coll. “Le savoir suisse”, 2005).

³⁰ Que rapidamente vieram a ser designadas por confortáveis designações de nítida matriz europeia, tais como, “literaturas francófonas”, ou “literaturas em língua francesa”, por exemplo. De facto, e numa perspectiva de literatura-mundo, conceber qualquer literatura pela sua língua de expressão, valoriza, em meu entender, a sua projecção transnacional (não rejeitando a literatura “francesa”) e transhistórica (permitindo a sua projecção fora do contexto histórico original, mas não o rejeitando); valoriza ainda o dinamismo dos enfoques de que estas literaturas serão objecto: “literaturas em francês” serão, neste sentido, as literaturas escritas ou traduzidas em francês, em qualquer espaço geográfico, de qualquer tempo, e lidas em qualquer tempo, independentemente do seu espaço nacional de origem.

européus mas *ex*-cêntricos, como os “francófonos”³¹, ou anglo-saxónicos, mais propriamente americanos, como é o caso do livro a que nos referimos. Segundo Damrosch, o conceito de “world literature” implica um redimensionamento do espaço em que as produções literárias circulam. Trata-se pois de encarar a literatura numa perspectiva dinâmica, considerando que a vida literária deve ser compreendida dentro do espaço em que as obras circulam: desde o espaço da sua escrita (um espaço tradicionalmente associado a uma cultura nacional, mas que o caso dos escritores alógrafos ou a emergência das literaturas pós-coloniais obrigada a perspectivar de outro modo³²), até ao espaço da sua publicação³³, ou ao espaço percorrido pelas várias traduções de que as obras são objecto³⁴. No seu livro *What is World Literature?*,

³¹ Recorde-se toda a polémica inaugurada, não por acaso, no universo francófono, pela publicação no dossier do jornal *Le Monde*, *Le Monde des livres*, em Março de 2007, do manifesto “Pour une littérature-monde en français”, dois meses depois publicado por Jean Rouaud et Michel Le Bris, na antologia *Pour une littérature-monde* (Paris: Gallimard, 2007), subscrito por vários escritores provenientes de várias ex-colónias francesas ou nelas tendo passado grande parte da sua vida (como Edouard Glissant, Amin Malouf, ou o Nobel Le Clézio).

³² V. nomeadamente, as propostas de Edouard Glissant, sobre a transformação das línguas ditas “nacionais” em línguas abertas à circulação das culturas que se projectam no seu espaço, híbrido, de “relação”: *L’imaginaire des langues: Edouard Glissant, entretiens avec Lise Gauvin (1991-2009)* (Paris: Gallimard, 2010).

³³ V. o caso obras que são publicadas noutros espaços culturais, por razões de natureza política, ou por escolha de editores que ofereçam melhores perspectivas de divulgação – o que explica a atractividade pela edição em Paris da maior parte dos escritores francófonos.

³⁴ A aceitação da leitura das obras em outras línguas que não a língua original de criação determina, logicamente, o reconhecimento das obras traduzidas como obras literárias. Constitui um marco incontornável do redimensionamento do próprio conceito de literatura, decorrente de perspectivas teóricas pós-coloniais. Foi tema de debate aceso na década de 50 do século passado, nomeadamente associada a questões como a definição de um cânone ocidental, a centralidade europeia da reflexão comparatística, a repartição de campos subjacente, por exemplo, à própria designação francesa em vigor, à época, mas que permanece, na designação de “littérature générale et comparée” para a disciplina de literatura comparada.

Damrosch circunscreve o âmbito desta noção³⁵, atendendo às suas várias formulações actuais³⁶, enunciando três parâmetros fundadores :

- 1- “Literatura mundo é uma forma de refração elíptica³⁷ das literaturas nacionais” (“World literature is an elliptical refraction of national literatures”).

A literatura-mundo interessa-se também sobre as obras localizadas fora do seu espaço de origem. Considera que uma obra muda, ao ser estudada de um ponto de vista nacional, localizada no seu contexto de origem, ou ao ser abordada de um ponto de vista externo, localizada nos seus vários contextos de recepção³⁸. As suas implicações transcendem por isso o plano de uma nova redimensionação temporal e histórica da escrita e do olhar sobre a escrita para chamar a atenção sobre a importância dos parâmetros geográficos que cada nova forma de dar a ler implica, ao sublinhar a possibilidade de vários pontos focais, em vários espaços e temporalidades. Trata portanto de propor um estudo selectivo³⁹, no conjunto das obras disponíveis, em resultado do trabalho de equipas de especialistas em literaturas nacionais, concedendo grande importância à elaboração de antologias. A antologia, tal como a entendo, constitui já uma proposta de espacialização, de cartografia, da produção literária, seja ela organizada segundo a produção de um país,

³⁵ Que traduziremos, com Helena Buescu, por literatura-mundo.

³⁶ V. David Damrosch, *What is world literature?* (Princeton University Press, 2003), pp. 281 e seguintes.

³⁷ A figura geométrica da elipse permite ao autor visualizar no espaço o trânsito das obras. Tradução nossa.

³⁸ Recorde-se, a propósito, que a literatura comparada se configura corajosamente como disciplina, no pós-guerra, altura crítica em que proliferavam nacionalismos separatistas e monolíngues; acabará no entanto por sacralizar o “cânone ocidental”, contra o qual se erguem agora propostas como a de literatura-mundo. V. para o entendimento do comparatismo como o grande espaço de correcção da “heresia nacionalista”, Albert Guérard, *Yearbook of Comparative and General Literature*, 1958, citado por Damrosch, 2003, p. 282.

³⁹ Perspectiva que restringe o âmbito tendencialmente exaustivo, quando não cumulativo e por isso ambiciosamente generalizante, indiciado pela expressão com a qual não se nos afigura produtivo confundir-se a literatura-mundo, de literatura mundial.

de uma língua, de um tema, de um período ou movimento literário; uma antologia é sempre uma planificação, perspectivada de uma forma panorâmica (para recorrermos a outro vocábulo do campo da geografia ou dos estudos de paisagem).

- 2– A Literatura Mundo valorizadora da e valorizada pela tradução (o que pressupõe desde logo um juízo crítico e selectivo sobre a qualidade das traduções: “World literature is writing that gains in translation”⁴⁰).

Deste parâmetro se infere que a linguagem literária pode perder, ao permanecer no âmbito exclusivamente nacional, ou ganhar, projectando-se então no âmbito da literatura-mundo⁴¹; que não se deve confundir a possibilidade de um texto poder ou não ser traduzido com o seu valor, desmontando-se assim o carácter falacioso da defesa de referentes intransponíveis em tradução; concluindo-se que o estudo da literatura-mundo deve incluir o da tradução, como tarefa central não só da sua metodologia de trabalho como da sua postura perante o conhecimento da literatura.

- 3– O terceiro parâmetro acima referido alerta para o facto de a literatura-mundo não pretender constituir-se como um cânone fixo de textos mas como um modo de ler: uma forma de *comprometimento* paradoxalmente *descomprometido*⁴² para com um mundo para além do nosso (mas não a-histórico) (“World literature is not a canon of textes but a mode of reading: a form of detached engagement with worlds beyond our own place and time”⁴³).

⁴⁰ David Damrosch, *What is world literature?* (Princeton University Press, 2003), p. 288.

⁴¹ David Damrosch, *What is world literature?* (Princeton University Press, 2003), p. 288.

⁴² “detached engagement”, no original; trata-se ainda de uma forma de comprometimento à *distância*, para recorrermos a toda a complexidade de um outro conceito que com este não deixa de relacionar-se, o de “distant reading” – também ele fortemente ancorado numa perspectiva de localização espacial e temporal da leitura e dos textos

⁴³ David Damrosch, *What is world literature?* (Princeton University Press, 2003), p. 288.

Haverá então que considerar o espaço literário, nesta perspectiva, como o espaço das literaturas nacionais, incluindo as obras traduzidas. Donde a necessária atenção ao espaço de incidência das obras, ao alargamento do cânone às obras que conhecemos graças à tradução; a necessária atenção também às obras que se projectam noutras culturas pela via da tradução; em suma, a necessária atenção ao espaço a partir do qual as obras são efectivamente lidas. Ler em literatura-mundo é de facto, um modo de ler à distância, selectivamente, no espaço compreendido entre os dois pontos focais da elipse: um modo *descomprometido* de *comprometimento* que proporciona uma outra espécie de diálogo com as obras. Mais do que de distanciamento (ou estranhamento) espacial trata-se aqui de permitir posturas interpretativas (hermenêuticas) e, logo, críticas, isto é mais interessadas na problematização desse estranhamento do que na procura de soluções ou de respostas definitivas. Poderemos portanto sintetizar algumas consequências do conceito de literatura-mundo valorizando aspectos que se nos afiguram importantes no quadro da reflexão sobre o espaço em literatura comparada. Assim é que o alargamento do espaço literário, através do estudo do percurso refractado das obras, acentua não só a sua fecundidade no interior da própria literatura nacional, pela sua *presença* em outras obras, e – fortemente potenciada pela tradução – a sua projecção transnacional, como o seu devir (ou talvez melhor, recorrendo à terminologia linguística, a sua “variabilidade” dinâmica, mas nem sempre previsível), em trânsito espacial mas também histórico (trânsito sempre reconhecedor da inserção histórica das obras), entre continentes geográficos, configurando novos espaços de fronteira. A Europa, nomeadamente, poderá assim mais cabalmente desempenhar o papel que Aimé Césaire lhe atribuíra em 1955, apelando à sua responsabilidade ética descentralizadora, num dos textos mais incisivos da consciência pós-colonial, o *Discours sur le colonialisme*: “J’admets que [...] la grande chance de l’Europe est d’avoir été un carrefour, et que, d’avoir été le lieu géométrique de toutes les idées, le réceptacle de

toutes les philosophies, le lieu d'accueil de tous les sentiments en a fait le meilleur redistributeur d'énergie"⁴⁴.

Franco Moretti, por outras vias, propõe também um alargamento do espaço literário. Como procede então? Em 2005, Franco Moretti dá a estampa duas versões não exactamente coincidentes⁴⁵ da reflexão que tem vindo a desenvolver sobre o que chama “uma outra história da literatura”⁴⁶. Antes de mais, convirá realçar a relação estreita que Moretti estabelece entre espaço literário e história literária: Moretti concebe a história literária não em sentido temporal – cronologia das obras no tempo – mas num sentido puramente espacial. A história literária é, para Moretti, a história da localização espacial das obras. Significará esta postura negar a historicidade fundadora da literatura (“literatura” como o conjunto das produções literárias ao longo do tempo)? Não exactamente. A perspectiva dada por estudos estatísticos comparados das várias localizações das obras em várias culturas (espaços de recepção) permite-nos conceber a sua localização ao longo do tempo. “Que balizas temporais determinam esses espaços de recepção?” Eis uma questão que interessa a uma “outra história da literatura”. Que espaços de recepção interessam então a Moretti? É a questão que interessa abordar no espaço desta reflexão, uma vez que esses espaços configuram, para o autor, o espaço literário. Um espaço que representa recorrendo ao método cartográfico, através de mapas e de árvores. Para a sua percepção interessa ao autor elaborar sobre uma postura de leitura conveniente, a qual pressupõe naturalmente um distanciamento entre o leitor e o objecto da sua leitura: a “distant reading”, que contrapõe ao método de “close reading”, em vigor sobretudo durante o período estruturalista, ou seja um período que sobrevalorizava o ensimesmamento intransitivo das obras. Ora, ler

⁴⁴ Aimé Césaire, *Discours sur le colonialisme suivi du Discours sur la Négritude* (Paris: Présence Africaine, [1955], 2004), p. 10.

⁴⁵ Respectivamente, *La Letteratura vista da lontano*, Einaudi, Turin, 2005, e *Graphs, Maps, Trees*, Verso, Londres, 2005, ambas escritas pelo próprio, conforme se lê na página da ficha técnica da tradução francesa, elaborada esta a partir da versão original em inglês.

⁴⁶ V. subtítulo da edição francesa: *Graphes, cartes et arbres, modèles abstraits pour une autre histoire de la littérature* (Paris: Les Prairies ordinaires, 2008).

à distância permite abarcar não só um largo número de publicações, como captar melhor a vida literária, isto é, os movimentos ascensionais, ou de descida, as curvas gráficas e estatísticas da vida das obras.

A configuração dos novos espaços literários convoca hoje, de facto, a atenção dos teorizadores da literatura. Estaremos no limiar de uma nova vida para uma disciplina – a teoria da literatura – que perdeu atractividade após os fulgores estruturalistas? Teremos entretanto conjurado os demónios da teoria (refiro-me ao questionamento de Antoine Compagnon, em *Le démon de la théorie: littérature et sens commun*, publicado em 1998)?

Yves Citton tem vindo a advogar uma nova concepção do espaço literário através da proposta de novos modos de ler, “anacronicamente”, como ele sugere em *Lire, interpréter, actualiser: Pourquoi les études littéraires?*⁴⁷, em função do presente, pretendendo ainda contestar a hegemonia da “histoire littéraire”, perspectiva tradicional dominante na história do estudo da literatura (e do seu ensino) no universo francês. O espaço literário não é, de facto, para Yves Citton, o da história literária: o espaço das origens das obras e de uma perspectiva causal sobre o seu devir histórico. Não é tão pouco o da teoria, mas sim o da “actualização”, como prática diferente da interpretação. Pretende ler as obras do passado como proporcionando a reconfiguração de problemas próprios da situação histórica do intérprete e não do autor, afastando assim perspectivas de leitura biografistas. Pressupõe que o confronto entre as épocas pode ajudar a esclarecer o presente. Para o autor, o valor das obras deve ser aferido na medida em que podem ser lidas *a posteriori*, e actualizadas em novas “cartografias” de leitura, num percurso de aproximação ao presente que recorre ainda à metáfora espacial e reconfigura a historicidade própria da literatura como *experiência*⁴⁸. Se bem que o trabalho de Citton não incida propriamente sobre o espaço literário, ele constitui hoje um contributo necessário

⁴⁷ Yves Citton, *Lire, interpréter, actualiser: Pourquoi les études littéraires?* (Paris: Éditions Amsterdam, 2007).

⁴⁸ Recorde-se a colectânea reunida por Vincent Jouve em 2005, no seguimento do colóquio que organizara três anos antes na Universidade de Reims, sobre a “experiência da leitura”, em que são interrogados os planos afectivos, cognitivos, intelectuais, culturais, quando não as capacidades imaginativas que se conjugam na

sobre o modo de abordar o espaço literário no campo dos estudos literários e do seu ensino, entendido este, por sua vez, como o espaço de interrogação sobre a nossa própria experiência do mundo; mais do que simples espaço de interrogação, haverá que reconhecer que essa experiência (na medida em que convoca a integralidade do ser humano, a sua sensibilidade, mas também as suas capacidades para criar imagens, a sua “*imagination créatrice*”, como disse Baudelaire) reequaciona o nosso relacionamento com o próprio tempo histórico dos textos, actualizando-o, e, por isso, reconfigurando-o, tornando-o “novo”, a cada nova leitura, numa “cartografia mais geral”. Curiosamente, também a sua reflexão é orientada pelo recurso frequente a metáforas espaciais.

Estudar o espaço literário tem hoje fortes implicações na concepção do modelo de ensino da literatura que queremos: actualizado, correspondendo a uma postura cívica que todo o ensino, seja de letras, seja de ciências, deve ter: uma postura reveladora do mundo contemporâneo, que forneça instrumentos de análise da realidade, que ajudem a interpretá-la de forma a melhor poder usufruir e intervir nessa realidade, com conhecimento dos seus mecanismos e das várias formas de resistência que provocam. Um ensino lúcido, mas tão profundamente comprometido como gerador de comprometimentos informados. Argumentos sem dúvida pertinentes para justificar a utilidade do ensino da literatura nos nossos dias; uma utilidade que encaramos bem para além da oferta de cursos de literatura no âmbito tradicional, mas quão restrito, das formações em Letras. Uma postura que convoca, necessariamente, uma visão comparada das literaturas; esta por seu turno, convoca o conhecimento da história da literatura, o acesso aos textos em tradução, a perspectivação das literaturas nacionais para além do seu contexto de origem, no estudo da captação do seu trajecto nas várias culturas que as receberam, trajecto esse que configura, em suma, a sua *vida literária*. Reemprego esta expressão como dívida a Gustave Lanson, enriquecida agora pela experiência da desterritorialização e da projecção transnacional que a mundialização demanda. Constatamos que as propostas teóricas para a constituição do espaço literário sobre as

experiência da leitura e na construção de sentidos (*L'expérience de lecture: textes réunis et présentés par Vincent Jouve* (Paris: Éditions L'improviste, 2005) .

quais nos debruçamos contestam a prevalência da perspectiva histórico-literária no ensino da literatura, a qual procurava sobretudo estudar as origens, as condições de criação, de produção das obras, em espaços nacionais, com vista à celebração do cânone. Interessa por isso estudar as condições de circulação das obras para além das suas origens. Este estudo permitirá novas perspectivas de interpretação das próprias literaturas nacionais, já fora, evidentemente, dos seus contextos de origem, quer seja em espaços internacionais de circulação, quer seja pela subversão da localização temporal das obras, pela valorização de leituras anacrónicas das obras, da sua actualização. Vários autores convergem na consideração do espaço literário como o espaço da leitura dos textos. Ora este varia em função das propostas de leitura. Para Damrosch, trata-se de ler os textos em circulação, como eles diferem entre os dois focos da elipse que configura o seu trajecto de vida. Trata-se de ler uma obra num processo de transformação progressivo, sofrido em função dos espaços de recepção que percorre, e que se reconfiguram ao longo do tempo, consoante as culturas, de forma a desenharem-se eles próprios como os espaços de vida das obras; para Moretti, trata-se de ver (de preferência a ler) as obras nas suas curvas estatísticas de circulação, interessa-lhe a configuração cartográfica das produções. Para Citton, trata-se de ler as obras em função do seu interesse para o tempo presente. Assim, se as representações do espaço na literatura se pautam por uma preferência nítida, na era da mundialização/globalização, pelos espaços híbridos e pelos *mundos em deslocação*⁴⁹, pelos espaços do exílio, da migração (muitas vezes determinados pelas próprias condições de escrita: veja-se o caso dos escritores que optaram não só pelo exílio, mas também pela língua do outro, que fizeram a sua língua de escrita⁵⁰, como Milan Kundera, Agatha Kristof, Salman Rushdie, os escritores da viagem,

⁴⁹ Recordando o título da Jornada Porto “*Textos e Mundos em Deslocação*”, organizada em 2005 pelo Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

⁵⁰ V., a propósito, a interessante entrevista de Édouard Glissant a Lise Gauvin, transcrita sob o título “*Passage de langues et territoires du roman*” na colectânea já citada *L’Imaginaire des langues*, entretiens avec Lise Gauvin (1991-2009), (Paris: Gallimard, 2010), pp. 103-117.

ou os que retratam espaços emblemáticos como os espaços urbanos consagrados – estou a pensar no abismo que separa o Paris de Victor Hugo ou de Balzac e o Paris de Jean Echenoz, por exemplo), também a reflexão actual sobre o espaço literário privilegia perspectivas dinâmicas transnacionais, preferindo estudar a circulação dos textos, a sua “actualização” em variados contextos recepcionais ao longo do tempo e com referência ao tempo presente, a sua representação visual espacial e estatística, ou os espaços provocatórios de “entre-as-línguas” em que se inscrevem, pela tradução⁵¹, a circunscrever os textos em perspectivas nacionais, monolíngues⁵² ou histórico-literárias interessadas nas condições da sua génese e causalidade determinantes de espaços literários que se queriam homogêneos, eurocentrados e tranquilizantes, metodologicamente hierarquizados e modelares, pedagogicamente securizantes (naturalmente defensivos).

⁵¹ V., a propósito, o texto de Camille de Toledo, nesta colectânea.

⁵² “On ne peut plus écrire son paysage ou décrire sa propre langue de manière monolingue”, afirmava Édouard Glissant, na entrevista a Lise Gauvin, intitulada “L’imaginaire des langues”, *op. cit.*, pp. 14-15.